



Reflexão sobre a Prática

Módulo 2

Raio-X

Este material faz parte do curso “Como acompanhar as aprendizagens com foco na equidade?” disponível no [espaço digital de formação da Roda Educativa](#)



// A escola é um espaço onde inúmeras pessoas interagem com intencionalidades e responsabilidades definidas. Essa organização constitui um ambiente de aprendizagem, cuja atmosfera pode propiciar uma vivência do que queremos como sociedade: um espaço de igualdade, acolhedor da diversidade, onde o conhecimento e as relações interpessoais favorecem a inserção e um olhar amplo para o que acontece no mundo.” (Perez, 2018, p. 60)

A prática compartilhada pela coordenadora pedagógica Zeni traz indícios de uma ação profissional direcionada ao acompanhamento das aprendizagens e à busca por equidade. Vamos conversar sobre alguns aspectos com base nessa experiência?

A análise de dados sobre o desempenho de estudantes é uma ação necessária que deve ser contínua nas redes de ensino, envolvendo vários profissionais em diferentes instâncias. Muitas vezes a circulação das informações fica limitada aos números totais de desempenho de estudantes, desde aquelas/es com destaque até àquelas/es com um rendimento abaixo do esperado. A coordenadora Zeni percebe que os dados revelam que a escola não está assegurando percursos de sucesso escolar para determinado grupo de estudantes.



Ao fazer uma análise crítica sobre o papel da escola diante do contexto, propõe a sua equipe ações que contribuem com a construção de uma escola democrática, inclusiva e fundamentada na colaboração profissional diante do objetivo comum de assegurar as aprendizagens.

A postura da coordenadora indica seu entendimento de que a escola e suas/seus profissionais são os agentes principais na condução do percurso da educação escolar de crianças e adolescentes. Nesse sentido, destaco a importância da intencionalidade da atuação a construção de um ambiente de aprendizagem para todas/os que ali estão. Preocupada com a recorrência de casos de insucesso escolar, Zeni se mobiliza e mobiliza sua equipe para reverter o quadro.

A coordenadora assume a responsabilidade de planejar ações para, inicialmente, se aprofundar sobre o contexto. Ao constatar que há estudantes que ano após ano parecem avançar pouco diante das competências e habilidades previstas, se propõe a entender melhor o que está ocorrendo para, posteriormente, adotar medidas adequadas. As questões que se impõem remetem à perspectiva da equidade:

- > Quais são as crianças e adolescentes que a escola atende?
 - > Quem são as/os que estão com mais dificuldade?
 - > A unidade escolar está realmente oferecendo a todas/os a atenção, os recursos e as oportunidades para aprender mais e melhor?
- 



É possível perceber que as ações desenvolvidas mobilizam a corresponsabilidade pelo processo de aprendizagem. Trata-se de uma visão que articula informações e reflexões da coordenadora e da equipe docente. Fica evidente o esforço para lidar com a complexidade da situação implicando as/os profissionais – e não culpabilizando meninas e meninos. Trata-se de uma postura diferente de perspectivas meritocráticas e/ou deterministas, que não auxiliam efetivamente as/os estudantes a aprenderem mais e melhor.

A prática relatada vai na direção de saber mais para agir melhor. Ela apresenta ações de acompanhamento que contribuem com o entendimento dos percursos das/os estudantes, fazendo emergir mais elementos para intervenções assertivas.

Acompanhar e analisar dados de avaliações internas e externas, identificar quem são as/os estudantes, observar o cotidiano escolar, manter conversas periódicas com docentes para apoiar seu trabalho são algumas das iniciativas que ela implementa e que vão se somando para propiciar um olhar mais amplo para o que significa acompanhar as aprendizagens visando a equidade.

É preciso considerar que



A escola favorece o desenvolvimento integral dos sujeitos quando promove a equidade ao reconhecer o direito de todos de aprender; sustenta altas expectativas e a premissa de que qualquer um tem capacidade de aprender; respeita as diferenças representadas pelas deficiências, pelas distintas origens étnico-raciais, pela condição econômica e por fatores como procedência geográfica, orientação sexual, religião” (Dias; Perez, 2023, p. 15).

O cruzamento de dados como gênero, raça/cor, condição socioeconômica, deficiência mostra que a coordenadora se distancia da ideia de homogeneização muito presente na história das práticas da escola enquanto instituição. É preciso ampliar a perspectiva para “[...] o entendimento da diversidade como construção social constituinte dos processos históricos, culturais, políticos, econômicos e educacionais e não mais vista como um ‘problema’ que começa a ter mais espaço na sociedade, nos fóruns políticos, nas teorias sociais e educacionais.” (Gomes, 2012).

O levantamento e o cruzamento de informações específicas sobre as turmas permitem verificar se a escola está sendo, de fato, equitativa. No caso da prática relatada, é por meio da análise articulada entre o desempenho e o gênero, além da cor/raça que se constata que crianças negras eram maioria entre as/os estudantes que seguia a escolaridade sem aprender o que estava previsto.

Isso revela que a escola não as/os estava atendendo de maneira apropriada para que, efetivamente, avançassem nas aprendizagens previstas de competências e habilidades – ou seja, um alerta significativo para que fosse dada maior atenção a esse grupo.



Uma prática comprometida com assegurar o direito à educação escolar está em consonância com o que nos diz a educadora e pesquisadora Nilma Lino Gomes, quando enfatiza qual é o foco da educação e de suas políticas na realidade brasileira:



O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação tem sido adensada do ponto de vista político e epistemológico pelos movimentos sociais ao enfatizarem que os sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade, entre outros. Enfatizam, também, que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos. (Gomes, 2012)

Agir para obter e trabalhar as informações que possibilitam entender de maneira cada vez mais precisa o contexto escolar é um passo importante para assegurar a atenção à equidade na escola. As ideias aqui exploradas permitem perceber que o olhar atento às trajetórias escolares pode fortalecer uma prática de acompanhamento das aprendizagens comprometida com essa perspectiva.

Referências bibliográficas

DIAZ, Patrícia; PEREZ, Tereza (orgs.) *Coordenação pedagógica: identidade, saberes e práticas*.

São Paulo: Moderna, 2023. Disponível em:

<https://rodaeducativa.org.br/coordenacao-pedagogica-identidade-saberes-e-praticas/>.

GOMES, Nilma Lino. Desigualdade e diversidade na educação. *Revista Educação e Sociedade*,

Campinas, v. 33, n. 120, p. 687-693, jul.-set. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/sZMWK9Q7ZFGnVpV55X85WZD/>.

PEREZ, Tereza (org.). *Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica*.

São Paulo: Editora Moderna, 2018. Disponível em:

<https://rodaeducativa.org.br/bncc-a-base-nacional-comum-curricular-na-pratica-da-gestao-e-scolar-e-pedagogica/>.